



“O NOME DO PAI” DE MUNIZ SODRÉ: O ARDIL DA ANALOGIA

Alexandre Fernandes*¹

*Instituto Federal de Educação da Bahia (IFBA)
e-mail: alexfernandes@ifba.edu.br

Gildecide Oliveira Leite*²

*Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
e-mail: gleite@uneb.br

Resumo: O conto “O nome do pai” (Sodré, 1988) relata uma sessão de psicanálise em que o Dr. Washington Joseph, homem negro, alto e esguio, atende a uma mulher loura, magra e pálida, que narra ter sonhado com passeios inquietantes em solo lunar. Ansiosa, ela quer saber se é algo grave. Em outro sonho, afirma: “o senhor era um feiticeiro...”. Na presente análise, argumento que o vocábulo “feiticeiro” remonta a “arquivos do racismo” (Hartman, 2021), e permite ler fobias e fantasmas no “sonho” da branquitude. Além disso, possibilita uma reflexão contracolonial que desautoriza o ardil da analogia.

Palavras-chave: Crítica literária. Psicanálise. “O nome do Pai”. Muniz Sodré. Arquivos do racismo.

“The name of the father” by Muniz Sodré: The artifice of analogy

Abstract: The short story “The Name of the Father” (Sodré, 1988) recounts a psychoanalytic session in which Dr. Washington Joseph, a tall and slender Black man, attends to a blonde, thin, and pale woman who narrates having dreamt of disturbing strolls on lunar ground. Anxious, she wants to know whether it is something serious. In another dream, she states: “you were a sorcerer...”. In this analysis, I argue that the term “sorcerer” evokes the archives of racism (Hartman, 2021), enabling a reading of phobias and specters within the dream of whiteness. Furthermore, it opens space for a counter-colonial reflection that discredits the artifice of analogy.

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Instituto Federal de Ciência Tecnologia (IFBA/Porto Seguro). Professor permanente no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL/UDESC). Líder do Grupo de Pesquisa em Linguagens, Poder e Contemporaneidade (GELPOC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8309021430364979> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1556-4373> O presente estudo foi produzido no âmbito de pesquisa pós-doutoral, intitulada “Muniz Sodré e a crítica literária: epistemologias de arkhé”. O referido estudo se desenvolve (abril de 2025 a março de 2027) no Programa de Pós-graduação em Estudo da Linguagem – PPGEL / UNEB.

² Doutor em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagem (PPGEL) – UNEB, e de Literatura no curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0827162842948076> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8571-6064>.



Keywords: Literary criticism. Psychoanalysis. « The Name of the Father ». Muniz Sodré. Archives of racism.

« Le nom du père » de Muniz Sodré: L’artifice de l’analogie

Résumé : Le conte « Le Nom du Père » (Sodré, 1988) relate une séance de psychanalyse au cours de laquelle le Dr Washington Joseph, un homme noir grand et élancé, s'occupe d'une femme blonde, mince et pâle qui rapporte avoir rêvé de voyages inquiétants sur le sol lunaire. Anxieuse, elle veut savoir s'il s'agit de quelque chose de grave. Dans un autre rêve, elle déclare : « Tu étais un sorcier... » Dans la présente analyse, je soutiens que le mot « sorcier » renvoie aux « archives du racisme » (Hartman, 2021) et nous permet de lire des phobies et des fantômes dans le « rêve » de la « blanchitude ». Par ailleurs, elle permet une réflexion contre-coloniale qui délégitime l’artifice de l’analogie.

Mots-clés : Critique littéraire. Psychanalyse. «Le nom du Père». Muniz Sodré. Archives du racisme.

Para uma crítica de “O nome do pai” de Muniz Sodré

“O nome do pai” é um conto de autoria de Muniz Sodré (1988)³. Presente em livro intitulado “Santugri: Histórias de mandinga e capoeiragem”, não ocupa mais do que três páginas. Narra uma sessão de psicanálise em que o Dr. Washington Joseph, homem negro, alto e esguio, atende a uma mulher que sonha com passeios inquietantes em solo lunar. Trata-se de uma paciente novata; ela está ansiosa para saber se havia sonhado com algo grave. Expondo outro sonho, revela: “o senhor era um feiticeiro...” (Sodré, 1988, p.45).

Numa primeira leitura e resumida do modo acima, a narrativa aparenta uma duração pequena e cravada no tempo. Todavia, o limite quantitativo do texto – um certo volume de caracteres, um punhado de parágrafos em poucas páginas –, é extrapolado pela descontinuidade das cenas da narrativa. A história salta rapidamente de um sonho no qual

³ Há remissão no título do conto de Muniz Sodré, a um conceito importante para a clínica lacaniana, qual seja, o “Nome-do-Pai”. Não é escopo do presente estudo discutir tal conceituação, todavia, importa lembrar que o “Nome-do-Pai” não objetiva levar o sujeito a se identificar com a imagem paterna. Parafraseando Vladimir Safatle (2018), é exatamente a crise na normativa paterna que permite a abertura à indeterminação e ao desejo. Em outros termos, o arrefecimento da autoridade paterna dá lugar à socialização do desejo. A leitora interessada, encontra em “A formação do conceito do Nome do Pai (1938 – 1958)”, artigo de Rosane Zétola Lustoza (2018), que discute o “pai” como imago na tese da primazia do imaginário; a função paterna como símbolo na teoria da intersubjetividade; o “Nome do pai” como significante na teoria estruturalista. Para além, a doutora em Teoria Psicanalítica problematiza os limites do conceito do “Nome do pai” e aponta desdobramentos.



a paciente anda pela lua para outro em que identifica seu analista com um bruxo: “tive um sonho, o senhor era um feiticeiro” (Sodré, 1988, p. 45).

O termo “feiticeiro” leva o Dr. Washington Joseph a remontar a história de seu nome, o que enseja uma reflexão contracolonial e desautoriza o ardil da analogia. Seu rememorar não é apenas um trazer à tona acontecimentos passados, senão, um “lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção” (González, 1984, p. 225).

Partindo da premissa de que a referida analogia remonta à violência da escravização e ao racismo presente em um mundo antinegro⁴, o presente estudo, uma crítica literária pós-estruturalista (Derrida, 2009; Bhabha, 2011), uma leitura especulativa em torno de uma sessão de análise narrada em terceira, busca ultrapassar os limites da textualidade do objeto a ser estudado. Assentado nas denominadas “ciências humanas”, o presente artigo em conexão com uma conjuntura histórica complexa, qual seja, a da violência da colonialidade (Kilomba, 2019; Hartman, 2025), problematiza o enunciado “o senhor era um feiticeiro...” (Sodré, 1988, p.45).

Tal enunciado será tratado como um “texto em outro texto”, como um “lugar de envio”, como uma “carta endereçada a alguém”, como uma “assinatura” (Derrida, 2001), pois, compreendo que todo escrito passa ao largo de uma teleologia, ou seja, não é da ordem da “presença presente”, da “verdade” do texto. Em outras palavras, um texto não existe fora das práticas coletivas que o imaginam e o constroem. Todo texto é pleno de confusão e contradição. Ele não é um solo plano e seguro de certezas e fundamentos. Seu modo de narrar, expor, definir, argumentar problemas, sua textualidade é construída através de uma gramática interessada, uma matriz comum de racionalidade e uma episteme.

Isso me leva a ler o enunciado “o senhor era um feiticeiro”, buscando “assinar” esse dito. Quero escrever outra coisa – assinar, contraassinar o enunciado –, uma vez que estou interessado, em certo sentido, em exceder o discurso, interrogando a assertiva, ficcionalizando-a, “com vistas a nada, é claro ou a quase nada, produzindo acontecimentos

⁴ Nos termos do escritor estadunidense Wilderson III, a violência contra negros não é uma forma de discriminação, mas uma violência necessária, ou seja, ela sustenta o mundo como o conhecemos. Trata-se de “um conjunto de rituais sádicos e de cativeiro que só poderia acontecer com pessoas não negras caso elas violassem esta ou aquela lei” (Wilderson III, 2021, p. 52). O racismo, sintoma da neurose cultural brasileira, nega o caráter plurirracial e pluricultural da formação social dos brasileiros, inculca medo e ignorância, não contribui para a formação de unidade do grupo dominado, produz divisão interna e desrespeita a alteridade (González, 1984).



cuja ‘realidade’ ou duração nunca são asseguradas, mas que, por isso mesmo, dão tão mais a ‘pensar’, se isso ainda quer dizer algo” (Derrida, 2014, p. 114).

Criticar é, também, traduzir. Tem a ver com produzir uma leitura criativa de uma cena enunciativa complexa. Isso implica em análise não linear – da dimensão de *ficção* que constitui a experiência analítica em uma clínica (Birman, 2014) –, mas pautada em multiplicidade de níveis e articulações com campos diversos do saber, especialmente, como aqui, em crítica literária e psicanálise.

Tal crítica não passa ao largo de mediações entre as instituições da sociedade, o poder e as variantes do discurso racista (Hartman, 2025, p. 82), as quais, historicamente trataram os sujeitos negros, ora como infantis, primitivos, preguiçosos, agressivos, violentos, oscilando da feiura à bestialidade, do animismo à incapacidade crítica, da erotização à alegria desmedida, do malfeitor ao feiticeiro.

Essas estereotipias buscam paralisar determinados grupos em frames branco-coloniais, o que é fundamental à sustentação das desigualdades. Homogeneizações racistas se assentam em uma razão colonial branca, europeia, masculina, cristã, capitalista, positiva, e produzem genocídios em nome de uma “democracia”, “civilização” e “progresso” supostamente feitos para todos. Estereotipia e homogeneização são outro nome para o ardil da analogia que busca apagar a história da violência racista. Todavia, enquanto expressão de poder epistêmico⁵, dá a ler seu *modus operandi*, qual seja, sua busca por estabelecer “verdades” ontológicas, de mãos dadas com o imperialismo e a escravidão, o patriarcado e práticas destruidoras da vida.

Com vistas a efetivar a crítica aqui proposta, uma reflexão contracolonial interessada em desautorizar o ardil de uma analogia, qual seja, a correlação entre um homem negro e a feitiçaria, divido o presente artigo em quatro seções, intituladas “Refinando a malandragem: nome tem força”; “Em torno da identificação colonial: a figura bizarra do desejo branco”; “O senhor era um feiticeiro: paranoia branca”; “Desautorizando o ardil da analogia”. Respectivamente, à leitora e ao leitor, por meio das palavras aqui dispostas, se envia acesso ao conto estudado; a partir do enunciado “tive um sonho, o senhor era um feiticeiro” (Sodré,

⁵ Episteme pode ser compreendida como um conjunto de regras e sistemas que organizam o campo de experiências possíveis e de possibilidades de saberes. Os conhecimentos em uma dada área do conhecimento configuram-se a partir da definição de regimes gerais de ordenamento com suas relações de diferença e de identidade, inclusão e exclusão. Assim, o saber não é da ordem do empírico, não apenas. Ele é um *constructo*, ou seja, resultado de uma reflexão e de seu enquadramento numa argumentação sustentada por procedimentos específicos que lhe conferem validação (Bhabha, 1988).



1988, p. 45), pode-se ler a artimanha da identificação colonial e seu interesse por desenvolver uma sujeição paranoica e anômala; a analogia em tela é explorada como um enquadramento paranoico, manietado pelo inconsciente “branco”, subjetivado pela violência da escravização e do racismo; o ardil da analogia e seu desejo de reestabelecer uma ordem colonial perdida são problematizados.

Refinando a malandragem: nome tem força

Veja-se, uma mulher loura, magra e pálida está deitada no divã. Conta que tem sonhado com a lua e ali fazia passeios inquietantes. Sentado numa poltrona, à penumbra, o doutor Washington Joseph escuta-a atentamente em seu relato, tanto quanto pensa nos dez minutos que terá, entre uma consulta e outra, para descansar, molhar o rosto e esticar-se no divã. Nem se deteve à fala da paciente, esta enuncia: “tive um sonho, o senhor era um feiticeiro”. O psiquiatra está acostumado com este tipo de declaração repetitiva. Sabe que tem a ver com a cor de sua pele “negra, cobrindo um corpo alto e esguio” (Sodré, 1988, p. 45).

Mas, sim, ele era um feiticeiro. E por que não? Washington Joseph já na casa dos cinquenta, era um homem maduro, tinha uma vida estável. E agradecia a seu pai por ter lhe batizado em inglês, pois “era preciso distinguir-se dos severinos que já se multiplicavam em Cascadura. Imperioso refinar a malandragem” (Sodré, 1988, p. 45). Ele dava razão a seu pai, haja vista que o tio Zequinha, sujeito dado a esperto, mexia com papéis e terrenos, mais de uma vez fora em cana.

Tio Carlão, não. Este era bom nas artes do corpo e nas sutilezas do jogo de búzios. Por outro lado, limitado de bens financeiros, deixava a matéria “comer poeira do chão” (Sodré, 1988, p.45).

Já o pai de Washington Joseph compreendia que “nome tem força, levanta peso”. Nome é o mesmo que mandinga, não é apenas uma palavra. Daí que o pai prevendo “quem ia falar grosso no país”, sacou de pronto um nome gringo, relevante, de respeito. Tal nome – Whashington Joseph – vinha com “hálito poderoso na pronúncia”; tio Carlão havia ensinado que sopro tem axé, ou seja, força vital. Seu pai estava correto. Até a professora na escola tinha delicadeza no trato com o garoto, “evitando atropelar o nome e seu dono”. Certa feita, uma senhora entrou em barravento no terreiro apenas por ouvir um cambono gritar



por Washington Joseph”, ora puxa (Sodré, 1988, p. 46). O nome “Washington Joseph” era uma “mandinga”⁶.

A narrativa de Sodré segue afirmando que palavra tem força: “uma cura, outra mata, depende da qualidade da força”. Washington Joseph, desde menino apresentava a força do axé, tanto nas artes do sagrado – “tirava carregos de gente grande” –, quanto nos movimentos do corpo – “sabia fugir a murro na cara ou chutar a bola entre as pernas do goleiro” (Sodré, 1988, p.46). Em momento de ausência, poderia até substituir o tio Carlão no terreiro. Todavia, seguiu outro caminho e foi parar na Escola de Medicina. Aumentou o prestígio do nome, tornou-se psiquiatra.

Esta “carreira de futuro” contrastava com o terreiro e seus consulentes, muito necessitados e pobres, haja vista que “ninguém precisava consultar os búzios para perceber que, do modo como se organizava o mundo ao redor, a loucura era um veio de ouro”. Como “doido pobre não elevava doutor”, Washington Joseph fora trabalhar com “gente muito fina, que se curava com palavra finíssima, com voz de segredo” (Sodré, 1988, p. 46). Então, enveredou pela psicanálise, caminho promissor para um mandingueiro.

Um colega formado na Inglaterra lhe ensinou os modos, o tom, os nomes certos. Estudou teorias da psiquê, tornou-se analisando, aprendeu que “doido propriamente não existia, era tudo uma questão de estilo, todo mundo era doidinho” (Sodré, 1988, p.46). Havia exceções, claro. Como se esquecer de um moço inteligente, mas aéreo, a quem recriou brandamente por “andar nas nuvens” (Sodré, 1988, p.47). Noves fora, palavra com coisa: o rapaz despencou do alto de um morro. Era preciso medir muito as palavras: umas matam, outras curam. Tio Carlão já sabia disso.

Com o tempo Washington Joseph ampliou sua clientela, “firmou nome” e já agia como um “gentleman”. Cortês, em sua clínica pontuava as palavras; sabia usar muito bem o

⁶ Mas, o que pode significar tal afirmação? Conforme ensina Nei Lopes (2005, p. 192), os povos *mandiga* eram aqueles falantes do mandê e seus dialetos, entre eles os *mandinkas*, *diolas*, *kurankos*, *konos*, *bambaras*. Foram eles os construtores do grande império do Antigo Mali e sua pátria chamava-se Mandê ou Mandeu. Na segunda metade do século XVIII, os portos africanos de Santiago, Bissau e Cacheu, na antiga Guiné Portuguesa enviaram uma quantidade grande de escravizados para a antiga província maranhense no Brasil. Destacam-se dentre os grupos forçadamente embarcados, *balantas*, *felupes* e *mandingas*. Mandinga se relaciona, portanto com povos africanos do Antigo Mali, mas também com as chamadas “feituas de proteção”, amuletos e “bolsas de mandinga”, complexos mágico-religiosos para proteção corporal de origem africana. Estes utensílios, “em sua maioria, eram recipientes de pano ou couro, em cujo interior eram depositados elementos especiais, cristãos ou não, para promover uma blindagem contra vários perigos” (Rangel, 2016, p. 234).



poder de uma vírgula para causar “*frisson* na pele de tanta gente”: ao invés de “sim senhora”, um “sim, senhora” (Sodré, 1988, p.47).

A paciente quer saber se o doutor havia escutado todo o relato: “- Sim, senhora”. Ele sorri: “o sonho expressa o temor de pisar no território dos lunáticos, o medo de ficar doida. No entanto, é apenas doidinha, senhora, a sessão terminou, senhora” (Sodré, 1988, 47). Sessão finda e “mais uma vez o filho do pai mata a bola no peito e chuta em gol com mandinga” (Sodré, 1988, p. 47).

Em torno da identificação colonial: a figura bizarra do desejo branco

O crítico literário indiano Homi Bhabha (2013), lendo Frantz Fanon, problematiza a construção da “identidade negra” como uma figura bizarra do desejo branco. Tal desejo traduz uma prática violenta de opressão porque transforma o sujeito negro em objeto. Essa sujeição é levada a cabo por meio de uma identificação paranoica e anômala da branquitude.

Para além do estereótipo e do preconceito, o esquema conceitual colonial estimula reflexões, pois, pode contar como uma identidade é produzida em torno de fantasias que negam a alteridade. Ao ler a frase – “tive um sonho, o senhor era um feiticeiro” (Sodré, 1988, p. 45) – numa chave pós-colonial (Bhabha, 2013), posso apreender o termo em foco como um questionamento persistente do enquadramento e do espaço da representação, impossibilitando qualquer totalização do sujeito em uma identidade que se queira fixa.

Ser ou não ser feiticeiro é questão que não se resolve em uma afirmativa ou negativa simplista. A nomeação se desdobra em uma imagem duplicadora. Ou seja, “não é o Eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial” (Bhabha, 2013, p. 84). Trata-se de perceber, portanto, na imagem que se duplica, o artifício da mulher branca, loura e pálida, inscrito no corpo do homem negro, a partir de um sonho e por meio de uma designação.

Daí emerge o problema liminar da identificação colonial e da colonialidade. Tal identificação produtora de uma identidade – “o senhor era um feiticeiro” –, retorna como um questionamento persistente do enquadramento, do espaço da representação e de uma imagem que é confrontada por sua diferença.

Distantes da tradição filosófica positivista, que percebia a identidade como processo de autorreflexão no espelho da representação, no estudo ora em tela, o enunciado “o senhor



era um feiticeiro” é lido como um “ponto de identificação” ambíguo (Bhabha, 2013). Esta imagem ambivalente, espacialmente fendida, re-apresenta um “tempo” outro, ou seja, apresenta novamente, repete uma repetição de outro “tempo”. Por um lado, coloca o passado no tempo presente, pois, contando seu sonho no “agora”, utiliza-se de um verbo no particípio: tive um sonho, o senhor “era” um feiticeiro. Ecoa traços do que seja um feiticeiro, daquilo que ela sabe ou supõe saber sobre o tema, do que se espera e se sabe no domínio comum sobre um feiticeiro, do que um negro “sendo” um feiticeiro, seria capaz ou não de fazer.

Não se trata, portanto, de uma simples representação de um personagem em uma narrativa, haja vista que a representação não é o reflexo “tal e qual” de traços culturais ou étnicos de certo grupo ou sujeito; ela é uma forma parcial de identificação. A questão colocada desse modo é ontológica – “o senhor *era* um feiticeiro” – e epistêmica – “o senhor *era* um *feiticeiro*”. Mas também, é psíquica porque traz à tona uma “substância” outra, que está em outro lugar, provavelmente reprimida, recalcada.

Se está reprimida, não poderia ser um adjunto e vir de fora, vir de outro lugar, não poderia ser arrastada de “algum” lugar outro, senão uma determinação interna, um estranho-familiar (Freud, 2014), uma velha conhecida, enraizada, um fantasma e uma fantasia que retorna.

Sendo a imagem do homem-negro-feiticeiro um “estranho-familiar”, permite ler a relação “outro-eu”. Tal imagem conta algo sobre um ego narcisista que projeta para fora de si o que experimenta como ameaçador. Logo, o “outro”, esse estranho, que, desde sempre e doravante, está ligado ao “eu”, é afastado para a proteção do “eu”. Protege-se de quê? Da imagem que o constitui, designando ao “outro” aquilo que seria seu abjeto, por exemplo, as artes da destruição e do perverso. O “eu” – branca e loura –, portanto, não poderia ser uma feiticeira, daí que o outro o é: “tive um sonho, o senhor era um feiticeiro...” (Sodré, 1988, p.45).

O sonho, resultado de tensões psíquicas – “figura da neurose fóbica, obsessiva e, por vezes, histérica” (Mbembe, 2018, p. 27) –, interpela o sujeito em um dado discurso, logo, constitui o outro, posiciona-o, subjetivando o analista como um feiticeiro. Por meio de um



discurso da diferença, “o senhor era um feiticeiro”, contrapõe-se a “eu não sou uma feiticeira”.

Aprende-se com Isildinha Nogueira, psicanalista, autora de “A cor do Inconsciente: Significações do Corpo Negro” (Nogueira, 2021), que a neurose é um conflito entre desejos inconscientes não negados e o ego que os bloqueia. Resultado desse embate? Sintomas. Os sintomas, por assim dizer, protegem o sujeito contra seus desejos inconscientes e o expressam disfarçadamente. Não à toa, o recalque é um mecanismo da neurose. Consoante, flerto com a seguinte questão: e se o sonho em tela for um sintoma? E se o for, que desejos inconscientes estariam lutando para vir à tona? O que deseja a mulher, branca, loura e pálida? O que seu sintoma-sonho informa? Certamente, ele diz “algo” acerca do que a paciente não sabe a seu respeito. Esse “algo” é algo revelador de sua realidade subjetiva (Nogueira, 2021).

“O senhor era um feiticeiro”: paranoia branca

A analogia – “o senhor era um feiticeiro” (1988, p. 45) – revela desejo e fobia, curiosidade e fantasia, produz uma existência objetificada. Ela é uma identificação pronunciada no desejo do Outro (Bhabha, 2013). Busca produzir uma contiguidade que substitui uma parte pelo todo. Ao dizer “o senhor era um feiticeiro”, aquele “senhor” deixa de ter qualquer outra qualidade, é resumido e fixado em uma imagem, resultado de paranoia branca.

Denominar “essa” paranoia de “branca” generaliza o substantivo. Branca, mas como? Quem? O que é ser branco/a? Branco de que lugar? Em que época e de qual matriz ancestral? Em suma, quando se ouve: “tive um sonho, o senhor era um feiticeiro...” (Sodré, 1988, p.45), interessa questionar: “quem” fala ali? Não se trata de saber por meio da narrativa, que uma mulher, branca e loura está a falar. Interessa saber “quem” fala quando uma paciente conta em terapia ter sonhado com seu analista e que este era um feiticeiro.

Tal problema anuncia o movimento da psicanálise, remonta sua prática-teórica, os processos de transferência e tradição, interessada em investigar os meandros do inconsciente, que não é uma região pulsante, tumultuada, particular, “dentro” de nós, mas um efeito de nossas relações com os outros. Logo, trata-se de questionar como o



inconsciente da paciente fora subjetivado e discutir o que é colocado em jogo através de sua produção onírica. Em outras palavras: que desejos (inconscientes) seus sonhos revelariam?

O inconsciente guarda marcas do que fora vivido por um sujeito desde a sua infância, daí importa questionar que efeitos psicológicos a lógica social racista produziu na subjetivação da paciente para que esta identificasse Washington Joseph como um feiticeiro. Se os enunciados proferidos pelos sujeitos são inscritos e modelados por suas fantasias, que fantasmas vêm à tona quando um enunciado como “o senhor era um feiticeiro” é proferido?

Perguntando ainda de outro modo, que cenas foram excluídas do “eu” da personagem criada por Muniz Sodré, branca e loura, as quais agora retornam através de seus sonhos “com passeios inquietantes no solo lunar”, e com seu analista, sendo ele retratado como um feiticeiro? Não se deve olvidar de que o tratamento psíquico freudiano⁷ se centra na *catarse* do paciente, pela qual, como ensina Joel Birman (2014, p. 220), “Freud visava a reestruturação da cena original que fora excluída dos registros da consciência e do eu”.

Se acompanho o autor de *Afropessimismo*, professor de Estudos Afro-Americanos na Universidade da Califórnia em Irvine, Wilderson III (2021, p. 102), respondo que “os dados haviam sido lançados séculos atrás na *plantation*”.

Sabe-se que no século XIX, escravizados eram acusados de feitiçaria partindo-se da “crença de que certas pessoas teriam o poder extraordinário de fazer o mal e reverter situações entendidas como sendo ruins”. Os africanos e seus descendentes eram “encarados como perigosos, potencialmente conspiradores, fossem livres, escravos ou libertos” (Couceiro, 2008, p. 214). Este passado remonta à *plantation*, extensos espaços de terra nas Américas, onde se estruturou o sistema de plantação escravista, com suas políticas sádicas de conquista, dominação e controle.

A *plantation*, instituição econômica disciplinar e penal, teve o negro como seu elemento central. Acelerou o capitalismo de mercado, a mecanização e o controle do trabalho subordinado. Privou os sujeitos escravizados de liberdade, controlou a mobilidade

⁷ Sigmund Freud, médico e pesquisador austríaco é comumente conhecido como o pai da Psicanálise. Esta área do conhecimento, em linhas gerais, está assentada em algumas ideias, a saber, que o trabalho reprime o prazer e a satisfação ilimitada dos indivíduos, e tal repressão do “princípio do prazer” se faz necessária, em certa medida, por conta do “princípio da realidade”. O sujeito humano seria um animal neurótico, haja vista que as sociedades foram construídas através da repressão do desejo e do adiamento da satisfação. Assim, Freud buscou compreender implicações da necessidade de trabalhar para a vida psíquica, além de consequências do padrão de vida burguesa para a psiquê. Os estudos freudianos também se empenham em observar evasões, ambivalências, pontos de intensidade, repetições, palavras não ditas ou trocadas, palavras reiteradas, duplicações, lapsos.



da mão de obra e a aplicação da violência, conquanto os negros se rebelassem e resistissem por meio de movimentos como o quilombismo no Brasil.

Aqui, me parece haver uma volta no parafuso, qual seja, a imagem “feitiçaria-homem-negro” retorna no sonho de uma moça, branca, loura e pálida, restituindo um temor de uma sociedade imperial quanto às recorrentes insurreições dos negros que, manipulando vozes espirituais, presidindo encontros mágico-religiosos, estariam interessados em “matar todos os brancos” (Couceiro, 2008, p. 235). À título de argumento, em idos do século XIX, o chefe de polícia interino da província do Rio de Janeiro, mandou investigar uma seita por nome “Dom Miguel”. Então, Eusébio da Fonseca Guimarães, um subdelegado, empreendeu “buscas nas senzalas”. Qual o objetivo? Encontrar objetos que pudessem dar indício sobre um “plano dos escravos para matarem os senhores da região”. Quem temia tal plano? Dentre outros, o comendador Joaquim José de Sousa Breves, “um dos maiores senhores e traficantes de escravos do Império” (Couceiro, 2008, p.233).

Em “Crítica da razão negra”, Achille Mbembe (2018), nos conta de insurreições e complôs de escravizados durante a *plantation*, a qual, segundo o pensador pode ser descrita como uma instituição paranoica, ou seja, assentada em e produtora de neuroses. Por que a *plantation* implicaria em paranoia? Ora, ela se erguia sob o signo do medo e do delírio, os quais grassavam entre o senhorio branco e os negros.

A *plantation* alternava suas práticas entre a violência das chibatadas e a acolhida dos negros na Casa Grande, o delírio da perseguição e o espírito de grandeza, o terror e a benevolência do patrão. O senhor escravagista vivia assombrado pelo espectro do extermínio, o escravizado, sempre no limiar da revolta, movimentava-se entre o desejo de liberdade e vingança. Tentando sobreviver, o negro era sujeitoado e sujeitava-se ao projeto em curso, alternando sua figura entre o capataz a serviço do senhor e o feitiçeiro protetor de seus corpos e de seus iguais. O negro na *plantation* é uma figura múltipla: fugitivo e caçador de quilombolas, carrasco e ajudante de carrasco, escravo artesão, informante, doméstico...

Assim, quando uma mulher branca, loura, em análise diz ter sonhado com um outro, sendo este um “feitiçeiro” evoca “arquivos do racismo” (Hartman, 2021), traz à tona a perversidade da *plantation*, a perseguição aos negros nas senzalas e em seus ajuntamentos, permite ler em seu discurso fobias, fantasmas e fantasias da branquitude racista (Wilderson III, 2021).



A fantasia branca é ação racista e nefasta que envolve vilipêndios, achaques, estupros, sendo estes fatores-chave na construção do propalado “mundo moderno”⁸ e responsáveis pela descartabilidade⁹ da vida negra. Não se deve esquecer, de que no Brasil, o denominado “medo do feitiço” nutrido pelas elites brancas já “nas primeiras décadas da jovem república, gerou um dos mais violentos episódios de repressão, conhecido como ‘Quebra de Xangô’, no qual ocorreu a invasão e destruição dos principais terreiros de Maceió e vizinhanças” (Silva, 2023, p. 35).

Desautorizando o ardil da analogia

Frantz Fanon (2008) já nos contou haver gravada no inconsciente, a imagem do negro-selvagem. Trata-se de uma neurose branca que aponta para conflitos psíquicos, fantasias, racismo, produção de desumanidade. Quando Washington Joseph, psicanalista, não se abala por ser denominado feiticeiro e paira por cima do drama colonial, descartando a fobia branca a ele dirigida, avança como feiticeiro das palavras e da escuta das palavras, desautorizando o ardil da analogia. Ele constrange o regime de violência colonial que pretende lhe tratar como objeto do cativo.

Washington Joseph busca romper com uma vida de perseguição. Ele sabe como a vida de pessoas negras tem sido dificultadas a muito tempo. Daí seu interesse por aperfeiçoar a malandragem¹⁰, ou seja, fortalecer seus modos de resistência à ordem que

⁸ Uma alusão às sociedades ditas modernas acompanhando leitura de Georges Balandier (1997, p.155) poderia assim ser pontuada: a produção a qualquer preço; o domínio da natureza; a submissão das individualidades, sujeitos e seus desejos ao mecanismo do crescimento econômico; a obsessão pela aquisição o mais ampla possível da quantidade de bens; a vontade de desenvolvimento pessoal e individualista; a racionalidade técnica exacerbada; a recusa à transcendência; a escalada de uma economia produtora de bens (sempre desigual apesar do apregoado pela “fraternidade”, “liberdade”, “igualdade”) para uma economia da informação. Outro contorno para o termo “moderno”, “modernidade” pode ser encontrado em estudo de Peter Geschiere (2006, p.10), sobre “cumplicidades” entre feitiçaria e modernidade nos Camarões. O pesquisador acolhe este último termo como “um ideal ou mesmo um mito que não é nunca realizado, no qual são elementos recorrentes a autonomia do indivíduo, uma visão de mundo científica (que supostamente torna o mundo cada vez mais transparente), a disseminação de novas tecnologias e o consumo de massa de produtos industrializados”.

⁹ À exemplo, a 18ª. edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, recentemente lançado, aponta que pessoas negras somam mais que 80% das mortes ocorridas durante intervenções policiais, além do que, a taxa de mortalidade de negros é quase 4 vezes maior do que a de pessoas brancas (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2024). No Brasil, a população preta e parda vive menos e tem menor qualidade de vida – está mais exposta a sofrer violência, a ambientes de trabalho precário e a desenvolver doenças crônicas –, quando comparada com a população branca, sendo a taxa de mortalidade entre negros duas vezes superior (VIEIRA, P.P.F., 2023).

¹⁰ Roberto DaMatta (1997, p. 17) em seu estudo sociológico sobre “o que faz o Brasil, Brasil”, afirmou que a malandragem à brasileira é uma astúcia com dupla dobra. O malandro, atuando de modo ambíguo, mantém certo compromisso do sujeito com o sistema, ao mesmo tempo em que rompe com a ordem vigente. Nossos malandros encontrariam um jeito de se vingar de seus algozes de uma maneira jocosa e irônica, o que pode ser percebido na música e na literatura brasileira. Afirmou que o arquétipo do malandro povoa a cultura popular seja através de romances como os de Machado de Assis e



busca impor vulnerabilidades aos sujeitos subalternizados. Ao invés de tornar-se zelador em um terreiro, seguindo “o nome do pai”, estudou Medicina, tornou-se psiquiatra. A psicanálise seria um caminho promissor. Aprendeu os dogmas, proposições e axiomas da clínica. Sabia usar a pontuação. Ao invés de um “sim senhora”, balançando a cabeça, aceitando, resistindo à objetificação, um “sim, senhora” poderia ser dito por ele.

Conta-nos a narrativa de Muniz Sodré (1988) que o psiquiatra, Washington Joseph estava acostumado a assertivas repetitivas do tipo “o senhor era um feiticeiro”; sabia que afirmações desse tipo faziam referência à cor de sua pele “negra, cobrindo um corpo alto e esguio” (Sodré, 1988, p. 45). O enunciado “o senhor era um feiticeiro” era, então, uma repetição. Uma repetição violenta, monstruosa que se abrigava no território ardiloso das microagressões (Wilderson III, 2021, p. 88).

Isso significa que o ardil da analogia, não era nem uma apresentação, nem uma representação, muito menos uma simples repetição, proferida a partir de um sonho. Enquanto “repetição” é uma inscrição que deve ser continuamente repetida e reiterada, como se estivesse, a qualquer momento, a ponto de produzir efeitos inesperados e descarrilar. Essa repetição faz parte de uma economia libidinal segundo a qual, “a vida humana como a conhecemos depende da morte negra para existir e ser coerente. A negritude e a escravidão estão ligadas de maneira indissociável a tal ponto que, quando a escravidão pode ser separada da negritude, a negritude não pode existir senão como escravidão. Não existe mundo sem negros, mas não há negros no mundo” (Wilderson III, 2021, p. 54).

O paradoxo denota a tensão produzida pelo racismo num mundo antinegro por meio de uma repetição sádica. Expressões como “o senhor era um feiticeiro” são uma violência em *looping*, um devir interminável e compulsório, denotam uma compulsão à repetição que dá a ler o retorno do que fora recalcado (Freud, 1975), constituem-se como ameaça sempre à espreita contra o sujeito negro que traz no corpo o significante que incitaria e justificaria a violência racista (Nogueira, 2021).

A analogia – “o senhor era um feiticeiro – remonta à violência da escravização e ao racismo presente em um mundo antinegro. Logo, não recorro a um lugar-comum reduzindo

Jorge Amado, Antônio Gonzaga e Guimarães Rosa, seja através dos ritos do carnaval. Pedro Malasartes, por exemplo, expressaria a ânsia de justiça e a inconsequência galhofeira, a esperança de um mundo outro e a conformidade com as leis e a ordem, sendo este personagem, signo que “tão bem define uma das vertentes do nosso caráter”.



a fala da paciente, branca e loura, a uma psicopatologia individual. A violência perpetrada se desdobra na colonialidade, a continuidade da lógica colonial, com seu projeto de morte e exploração, necropolítica e brutalismo. Ou seja, a violência por detrás de um “tive um sonho, o senhor era um feiticeiro” – guardadas as devidas proporções, a saber, termos uma paciente em análise sendo incentivada a dizer, sem restrição ou julgamento de valor o que lhe vier à mente –, não é uma transgressão simplória.

Se acompanho Wilderson III, a leitura aqui promovida pode se tornar ainda mais potente, qual seja, a de que, uma mulher loura e branca necessita dessa transgressão: “as pessoas brancas precisam da violência contra os negros para saber que estão vivas (Wilderson III, 2021, p.111). Logo, a analogia enunciada a partir de seu sonho faz parte de um sistema escravagista e da colonialidade em curso. É uma brutalidade constituinte da organização social ocidental.

A colonialidade estabelece divisões raciais na organização do trabalho e do Estado, impacta negativamente nas relações intersubjetivas e na produção do conhecimento, determina quem pode e como pode participar da produção do conhecimento validado. Estrutura a ascensão do discurso de extrema direita¹¹, o desejo e as ações dos que defendem uma “supremacia branca”, fortalece discursos de ódio, xenofobia e aversão às sexualidades dissidentes da heteronorma¹², bem como, é indissociável das violências cotidianas e ecoa um sistema predatório escravocrata que no Brasil durou 350 anos. Logo, denominar um

¹¹ Em recente artigo intitulado “Direita, volver”, publicado no jornal “Folha de São Paulo”, o professor Muniz Sodré delatou o “neobarbarismo” e o “protofascismo” de discursos reacionários, os quais tem buscado, inclusive, apropriar-se das universidades brasileiras. Argumentou que o desejo de extremistas de ocupar as universidades, as quais, supostamente deveriam se abrir ao “pensamento de direita” é “pulsão brutalista de morte”. A universidade brasileira jamais fora de esquerda, aliás, sempre esteve sobre o domínio de uma “silenciosa maioria conservadora, uma coorte de progressistas (centro-esquerda, social-democracia) e nichos convictos das utopias religiosamente reveladas pelo determinismo histórico”. Logo, questionou a “vontade dessa ultradireita de estar na universidade”, apontando para a existência de um projeto intervencionista com vistas a vocalizar ainda mais tendências fundamentalistas, extremistas, aliadas do fascismo (Sodré, 2024).

¹² Lee Edelman (2021) advoga que sexualidades dissidentes desafiam as fantasias estruturantes que nos estruturam. Em seu artigo faz fina leitura dos movimentos políticos de esquerda e de direita, cada qual a seu modo, interessados em um “futuro” – que não é nada além de “coisa de criança” – para pessoas *queer*. Que entende por “pessoas *queer*”? Sujeitos estigmatizados por não se adequarem aos mandatos heteronormativos. Segundo o crítico literário, o “futuro” oferecido a pessoas *queer* pela sociedade heteronormativa os despotencializa. Logo, sujeitos *queer* devem resistir à cantilena de serem escravizados pelo discurso do “futuro”, o qual, ao fim e ao cabo, produzirá uma vida fraca e frágil. Os direitos liberais – casamento, serviço militar, adoção e criação de seus próprios filhos, fé ilimitada na razão, cidadania como um ideal a ser atingido –, são uma “letra sem vida”, uma prisão “sutil” negativa ao gozo e à pulsão de vida. Para aquele autor, o *queer* deve perturbar, ou seja, *queerizar* organizações sociais, não se adaptar a definições identitárias e política oposicional de gênero. Daí, na contramão da ordem política vigente, defender que a força da *queeridade* tem a ver com a capacidade das sexualidades *queer* de romper com o contrato social e simbólico.



homem negro de “feiticeiro” é tentativa de “restabelecer uma ordem colonial perdida” (Kilomba, 2019, p. 255).

Trata-se de uma fantasia sobre o que e como a negritude deveria ser; um enquadramento autoritário sobre o negro que reencena um passado colonial e escravocrata. É um discurso estereotipado que busca o fechamento do sujeito negro em um esquema racial e epidérmico e, por outro lado, abre a estrada real à fantasia colonial.

Considerações Finais

No estudo que se encerra, o objeto de crítica em tela, qual seja, “O nome do pai” de autoria do professor, capoeirista e pensador negro Muniz Sodré (1998), foi tratado como *locus* de produção de sujeitos, atentando para a enunciação e para a problemática da sujeição e da identificação (Bhabha, 2011). E por quê? Porque estava interessado em perceber aquilo que fora enunciado no conto, depreendendo fantasias da branquitude e arquivos da escravização.

Logo, o enunciado “tive um sonho, o senhor era um feiticeiro” ensejou um debate sobre ecos do racismo, este que é uma “adição deliberada de fantasias brancas acerca das/os sujeitas/os negras/os” (Kilomba, 2019, p. 117).

Ao longo do presente artigo, foi levada em conta a psicanálise freudiana, teoria que explorou processos psíquicos como o trauma, a angústia, a pulsão, o desejo, a fobia, analisando o inconsciente humano especialmente, por meio de atos falhos, lapsos, inconvenientes da memória e sonhos.

Os sonhos podem revelar imagens vindas das profundezas da infância. Eles são também uma modalidade de realização do desejo, logo, levar sonhos a sério implica em buscar compreender o que estaria em cena durante a produção onírica ficcionalizada pelo aparelho psíquico (Eagleton, 2003; Birman, 2014). Consoante, a crítica aqui produzida não se ocupou de objetividade, impessoalidade da história, nem se interessou pela transparência da representação – “na qual o signo seria o efeito especular da coisa, onde esta seria então a origem daquela” (Birman, 2014, p. 220) –, haja vista que história e ficção se entrelaçam (Hartman, 2021) e, enquanto discursos, são *constructos* humanos, sistemas de significação. Como se sabe, tais sistemas produzem enquadramentos capazes de determinar quais



sujeitos são humanos e quais sequer, quando mortos, são passíveis de luto e pranto (Butler, 2017).

Referências

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2024. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 18, 2024.

BALANDIER, Georges. **O contorno**: poder e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BHABHA, Homi K. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

HABHA, Homi K. Interrogando a identidade: Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial. Em: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2013, p. 77-116.

BIRMAN, Joel. Ficção e autobiografia em psicanálise. Em: Fukelman, Clarisse (Org). **Eu assino embaixo**: biografia, memória e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Tradução: Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2017.

COUCEIRO, Luiz Alberto. Acusações de feitiçaria e insurreções escravas no sudeste do Império do Brasil. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 38, 2008. DOI: 10.9771/aa.v0i38.21166. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21166>. Acesso em: 29 jul. 2025.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DERRIDA, Jacques. **O cartão-postal**: de Sócrates a Freud e além. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DERRIDA, Jacques. A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas. Em: DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 407-427.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

EAGLETON, Terry. Psicanálise. Em EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. 5ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 227-291.

EDELMAN, Lee. O futuro é coisa de criança: teoria queer, desidentificação e a pulsão de morte. **Revista Periódicus**, Dossiê eletrônico: “Dissidências sexuais e de gênero nas religiões: precisamos mesmo desse tal religare?” 2(14), 248-275, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/44273/24423>. Acesso em 20 jul. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.



FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914). Em: FREUD, Sigmund. **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos** (1911-1913). Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 191-206.

FREUD, Sigmund. O estranho. Em: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre literatura**. Organização de Iuri Pereira. São Paulo: Hedra, 2014.

GESCHIERE, P. Feitiçaria e modernidade nos Camarões: alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 34, 2006. DOI: 10.9771/aa.v0i34.21111. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21111>. Acesso em: 29 jul. 2025.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Em: C. Barzaghi; S.Z. Paterniani; A. Arias. (Org.). **Pensamento negro radical**: antologia de ensaios. São Paulo, Crocodilo, N-1 Edições, 2021, p. 123-143.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos**: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e *queers* radicais. São Paulo: Fósforo, 2022.

HARTMAN, Saidiya. **Cenas da sujeição**: terror, escravidão e criação de si na América do século 19. São Paulo: Fósforo, 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. 1º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOPES, Nei. **Kitábu**: o livro do saber e do espírito negro-africanos. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Rio, 2005.

LUSTOZA, Rosane Zétola. A formação do conceito de Nome do pai (1938-1958). **Ágora**, v. 21, p. 323-332, 2018.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. São Paulo: Perspectiva, 2021.

RANGEL, Felipe Augusto Barreto. Feituras de proteção no Recôncavo setecentista. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 54, 2016. DOI: 10.9771/aa.v0i54.23617. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/23617>. Acesso em: 20 jul. 2025.

SAFATLE, Vladimir. **Introdução a Jacques Lacan**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Intolerância e racismo religioso. Em: RIOS, Flávia. Santos, Márcio André dos. Ratts, Alex (Org.). **Dicionário das relações étnico-raciais contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 2023, p. 302-307.

SODRÉ, Muniz. O nome do pai. Em: SODRÉ, Muniz. **Santugri**: Histórias de mandinga e capoeiragem. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

SODRÉ, Muniz. Direita, volver. Opinião. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22.jun.2024. Disponível em <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/opini%C3%A3o-muniz-sodr%C3%A9-direita-volver-extremistas-se-apoiam-no-anonimato-da-desinfo/765739849100162/> Acesso em 20 jul. 2025.



VIEIRA, P.P.F. *et al.* **Envelhecimento e desigualdades raciais**. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, Livro eletrônico, 1ª edição, 2023.

WILDERSON III, Frank B. **Afropessimismo**. São Paulo, Todavia, 2021.

